

A CONSTRUÇÃO DO LABIRINTO CURRICULAR: experiências do fazer docente no encontro entre a docência e o corpo com deficiência no ensino superior

**Amanda Nery da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**Glaurea Nádia Borges de Oliveira
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP**

Resumo

Este trabalho é um recorte da dissertação sobre as experiências produzidas pelo encontro entre corpos docentes e corpos com deficiência na educação superior. Objetiva-se perceber o currículo a partir da ideia de construir caminhos possíveis de experimentações, tendo como eixo o fazer docente a partir do encontro entre a docência e o corpo com deficiência. Para tanto, foi realizada uma busca por pesquisas abrangendo o currículo e o processo de inclusão dos estudantes com deficiência na educação superior. Apresentou-se o que estas pesquisas anunciam e, em seguida, foi proposto um outro modo de entender o currículo, a partir da proposta de construir um labirinto curricular, cujos percursos não de ser desenhados pela docência, no desenvolvimento das apostas de ensino. As interlocuções teóricas aconteceram com alguns autores, tais como: Larrosa (2020) e Paraíso (2010), para pensar o currículo enquanto labirinto de caminhos possíveis a serem construídos e experimentados, e a potencialidade dos encontros para o fazer docente, a partir de leituras de autores como Skliar (2017; 2019) e Gallo (2008). Então, aproxima-se a noção do currículo da ideia do labirinto, da docência que constitui os caminhos possíveis de experimentações, em que o processo é desafiador e não tem como objetivo achar a saída para fechar as possibilidades, mas de refletir no que é possível diante do que está sendo construído, reflexo das experiências curriculares que acontecem através dos encontros.

4372

Palavras-chave: Currículo. Experiências. Encontro.

Abstract

This work is an excerpt from the dissertation on the experiences produced by the encounter between teaching bodies and bodies with disabilities in higher education. The aim is to understand the curriculum based on the idea of building possible paths of experimentation, having teaching as its axis based on the encounter between teaching and the disabled body. To this end, a search for research covering the curriculum and the process of including students with disabilities in higher education was carried out. What these researches announce was presented and then another way of understanding the curriculum was proposed, based on the proposal to build a curricular labyrinth, whose paths must be designed by teaching, in the development of teaching bets. Theoretical dialogues took place with some authors, such as: Larrosa (2020) and Paraíso (2010), to think about the curriculum as a labyrinth of possible paths to be constructed and experienced, and the potential of meetings for teaching, based on readings by authors such as Skliar (2017; 2019) and Gallo (2008). So, the notion of the curriculum comes closer to the idea of the labyrinth, of teaching that constitutes the possible paths of experimentation, in which the process is challenging and does not aim to find the way out to close off possibilities, but to reflect on what is possible in view of what is being constructed, a reflection of the curriculum experiences that take place through the meetings.

Keywords: Curriculum. Experiences. Meeting.

Introdução

Currículo é uma palavra que vem do termo latino *scurrere*, que quer dizer “carro de corrida”. O termo *curriculum* passou a ser usado em países europeus, por influência da literatura estadunidense, institucionalizando-se e sendo designado como um campo específico de estudos a partir da preocupação em se pensar na forma de organização e no método de ensino (MACEDO, 2013; SILVA, T., 2009). Desde então, diferentes concepções curriculares foram se constituindo em um campo de estudo, o do currículo. Teorias tradicionais, críticas e pós-críticas desenharam/desenham alguns desdobramentos para o currículo.

Entendemos que pensar o processo educacional é também atravessar os movimentos curriculares. As instituições de ensino se configuram nesse cenário, constituem e são constituídas por diferentes sujeitos presentes nesses moveres, destacamos os alunos e os professores. Se por vezes o currículo é percebido como prescrição, um documento escrito e puro, mesmo considerando que somente o documento não consegue dar conta de toda a dinâmica possível de (des)enrolar na educação.

Dentro desse universo curricular, destacamos o processo de inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior. As pesquisas que anunciam o currículo, a partir deste cenário, em sua maioria, trata-o como um instrumento a ser usado nos cursos destas instituições, em que sistematiza o funcionamento de um determinado curso, sendo assim envolve a ação docente a partir das dimensões curriculares, o escrito e o vivido. Todavia, no transcorrer deste artigo teremos como objetivo *perceber o currículo a partir da ideia de construir caminhos possíveis de experimentações, tendo como eixo o fazer docente a partir do encontro entre a docência e o corpo com deficiência*. Este movimento de pensamento fez parte da construção de uma dissertação, em que refletimos sobre a construção de um outro modo de entender o currículo, a partir das experiências das docências. Em um dos capítulos, realizamos um levantamento de pesquisas abrangendo o currículo e o processo de inclusão dos estudantes com deficiência na educação superior.

Neste artigo, apresentaremos o que estas pesquisas anunciam e, em seguida, identificaremos um outro modo de entender o currículo, a partir da proposta de construir um labirinto curricular, cujos percursos hão de ser desenhados pela docência, no desenvolvimento das apostas de ensino. Então, iremos considerar que as experiências nesse labirinto são os acontecimentos que nos atravessam a partir dos encontros possíveis numa relação educativa, que não é calma. Assim, com uma postura teórico-metodológica tomada pela leitura pós-

estruturalista, refletiremos sobre a força dos encontros da docência com a condição de existência da deficiência na educação superior.

O caminhar da busca pelas pesquisas: o que anunciam?

Há diferentes portais de busca por pesquisas acadêmicas. Para a finalidade deste trabalho exploramos a Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal Scielo e os Anais de Reuniões Científicas Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), seguindo critérios que serão apresentados a seguir, juntamente com os resultados da busca.

Algumas pesquisas desenvolvidas vêm com anúncios sobre o processo de inclusão dos estudantes com deficiência na educação superior, chegando, inclusive, a mencionar diretamente a maneira como a presença desses estudantes provoca efeitos na prática docente (PIECZKOWSKI 2014; SOUZA 2016; SANTOS 2016). É o que constatamos ao realizarmos uma busca na BDTD. Para essa busca, utilizamos os descritores *deficiência*, *currículo* e *educação superior*, estabelecendo como marco temporal o período compreendido entre os anos de 2010 e 2020.

A partir de diferentes combinações entre os três termos indicados acima, alcançamos, preliminarmente, 184 trabalhos, entre dissertações e teses. Todavia, por meio de uma filtragem realizada após a leitura dos títulos, restaram 17 trabalhos com aproximação da temática anunciada nesta dissertação. Das pesquisas não escolhidas, há uma quantidade maior de anúncios sobre a trajetória dos estudantes com deficiência ligada ao acesso, permanência, práticas de inclusão, acessibilidade, barreiras de aprendizagem e tecnologia assistiva.

Um dos critérios de inclusão para selecionarmos a pesquisa foi a identificação, no título, de algum termo que indicasse a presença de escuta dos docentes da educação superior que atuavam com estudantes com deficiência, além de alguma ligação com o currículo, com aspectos que de alguma maneira problematizassem as práticas curriculares.

Dentre as que permaneceram, há pesquisas que analisam projetos de cursos de formação de professores, com a pretensão de perceber o modo como a formação inicial prepara os futuros profissionais para o trabalho com estudantes com deficiência na educação básica. São os casos das dissertações de Amorim (2012), Ribeiro (2011), Rezende (2013), Bastos (2012) e da tese de Borella (2010). Diferente de uma perspectiva mais direcionada para análise dos currículos de licenciatura, o trabalho desenvolvido por Campos (2013) tem como finalidade analisar os currículos a partir das representações dos alunos com deficiência, ou seja, como esses alunos

percebem os currículos dos seus respectivos cursos de graduação e quais as influências para a permanência na instituição.

Outros estudos, como os de Dalgalo (2018), Silva M. (2016) e Melo (2011), são mais direcionados para a flexibilidade curricular, isto é, para a busca de um currículo acessível para todos e em que, num contexto em que existem discentes com deficiência, haja a materialização de atitudes como a produção de atividades, avaliações ou materiais acessíveis, a descrição de imagens ou do que está acontecendo em sala, entre outras ações curriculares para alcançar as diferentes especificidades. Messerschmidt (2018) não escreve diretamente sobre o currículo, mas se dedica às práticas pedagógicas, que de todo modo fazem parte da dimensão curricular, sendo assim ela intenciona identificar quais práticas poderiam favorecer o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma de alunos com deficiência durante a graduação.

Dentre os estudos, algumas teses chamaram a atenção por justamente terem relação com um trabalho de ouvir os professores sobre os efeitos de se ter em sala de aula discentes com deficiência. As pesquisas de Pieczkowski (2014), Souza (2016) e Santos (2016), identificadas nessa perspectiva, afirmam que a presença dos estudantes com deficiência no nível superior mexe com o fazer docente. Outro ponto em que tocam é o de que os docentes possuem bastante conhecimento na sua área específica de ensino, no entanto, não são tão preparados para a docência universitária, que requer outros saberes, como o saber didático e metodológico. Por assim dizer, Martins (2019) busca observar como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) propõe, na sua política educacional, uma formação continuada para os docentes universitários sobre a atuação pedagógica no processo de inclusão dos estudantes com deficiência na instituição. Todavia, nenhuma dessas pesquisas, anunciadas até aqui, tem aproximação direta com uma discussão sobre o currículo.

Com a dissertação de Lavarda (2014) já é possível notarmos uma ligação entre o currículo e o processo de inclusão dos estudantes com deficiência na educação superior, envolvendo o currículo com as ações de permanência enquanto decisões que promovem a acessibilidade para esses estudantes. A autora objetivou, com essa investigação, “verificar a existência, a procedência, a execução e a normatização de Ações de Permanência em relação ao currículo em cursos de graduação” (LAVARDA, 2014, p. 23).

Nos Anais de Reuniões Científicas Nacionais da Anped, três Grupos Temáticos (GTs) possuem uma relação com a temática desta pesquisa: o de Currículo, o de Educação Especial e o de Política da Educação Superior. Realizamos um recorte temporal de 2010-2017, na tentativa de constatar quais trabalhos, apresentados durante esse período, envolveram, de alguma

maneira, o currículo com o processo de inclusão de estudantes com deficiência na educação superior.

Não foi encontrado nenhum trabalho no GT de Currículo, o que pode ser considerado uma lacuna nas pesquisas veiculadas nesse GT da Anped. Todavia, já se percebe um movimento de pensar o currículo de outros modos, relacionando-o com outros movimentos como o cinema, a arte, distanciando-se de uma problematização conteudista. No GT de Educação Especial, destacamos três pesquisas envolvendo: as pessoas cegas e os fatores associados à conclusão do curso (SELAU; DAMIANI, 2013); a mediação pedagógica na relação com os estudantes com deficiência (PIECZKOWSKI, 2017); e as pessoas surdas e seus projetos de vida na educação superior (GONÇALVES, 2017). Destaque para esse último trabalho, decorrente da tese defendida em 2014, já citada no levantamento das pesquisas na BDTD, em que a autora analisou os efeitos, para a docência universitária, da presença de estudantes com deficiência em sala de aula.

Em Política da Educação Superior, seis trabalhos sobre ações afirmativas e políticas de acesso e permanência foram mencionados, os quais referem-se a grupos historicamente excluídos da sociedade. Um desses, especificamente, realiza uma análise do programa Incluir, que foi lançado em 2005 para apoiar projetos de construção ou reestruturação de Núcleos para atender alunos com deficiência em Instituições Federais de Ensino, em uma Universidade no Mato Grosso do Sul (SILVA, T., 2011).

Para ter um alcance maior de trabalhos relativos à temática aqui em foco, realizamos, por fim, uma busca de artigos no portal Scielo. Leite *et al.* (2013) escreveram sobre o currículo e a deficiência a partir de uma análise de textos encontrados numa revisão de literatura efetivada também no Scielo, num marco temporal situado ente 2000 e 2010:

as palavras-chave utilizadas foram curricular, currículo, deficiência, educação especial e necessidades especiais. Os resultados demonstram que as produções na área são escassas no que diz respeito às estratégias para efetivação da educação inclusiva, limitando-se, prioritariamente, a reflexões e discussões teóricas que envolvem os princípios e políticas educacionais, pouco retratando experiências didático-pedagógicas que promovam ajustes curriculares e/ou formas de flexibilização do ensino (LEITE *et al.*, 2013, p. 63).

Ao realizarmos uma busca com a palavra-chave *educação superior*, filtrando para selecionar periódicos da área de educação – tais como Educação em Revista, Ciência & Educação (Bauru), Revista Brasileira de Educação, Educação & Sociedade, Educar em Revista, Educação & Realidade, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e Revista Brasileira de Educação Especial –, com marco temporal de 2015 a 2020, apareceu um total de

302 artigos. Pela leitura dos títulos dos trabalhos, selecionamos 17 artigos, conforme segue no quadro abaixo.

Os artigos foram selecionados com o critério de anunciar um olhar para os estudantes com deficiência no nível superior. Observamos que nem todos possuem uma ligação direta com a discussão sobre currículo, alguns chegam a citar o currículo como documento e fonte de reformulação para uma formação mais voltada à perspectiva inclusiva, outros não chegam a mencionar a palavra currículo, mas é possível observar alguns pontos relacionados com esse campo de estudo.

Algumas percepções sobre o currículo e a inclusão de pessoas com deficiência na educação superior

Grande parte dos estudos que já anunciamos, não realizam uma discussão sobre o currículo, referem-se pontualmente à questão curricular sob a perspectiva, por exemplo, da inclusão da disciplina de Libras nos cursos (CARNIEL, 2018), da análise de disciplinas que abordam a deficiência em cursos de graduação (SILVA; ANDRADE, 2019), entre outras demandas. Em um estudo direcionado para a terminalidade específica para estudantes com deficiência na educação superior, Silva e Paixão (2018) entendem que o currículo deve se atentar para a maneira como o estudante aprende, para que, assim, possam lhe ser possibilitadas outras estratégias de ensino, que não se limitem às convencionais.

Tendo em mente esses aspectos, sendo a universidade um espaço de formação, de estudos e de pesquisa, é importante que se tenha um olhar para os estudantes considerando:

- a sensibilidade em perceber suas dificuldades;
- suas formas de responder ao que lhe é exigido;
- maneiras de se relacionar com os outros e com os saberes das áreas (SILVA; PAIXÃO, 2019, p. 5).

Dessa forma, de acordo com Campos (2013), as políticas de inclusão refletem no currículo, que para a autora se constitui enquanto campo de disputas. Para Silva e Andrade (2019), o currículo é uma das questões mais criticadas em quase todas as ambiências de ensino, mesmo passando por mudanças, ampliações e estudos. No entanto, nessas pesquisas é mais comum perceber o currículo a partir do que Lavarda (2014) apresenta como sinônimo desse termo, um roteiro a ser seguido durante um determinado curso, um instrumento para a sistematização de situações de ensino. No seu trabalho, Lavarda (2014) entende que o currículo, para além do que está estipulado nos planos e projetos, tem outros elementos que o compõem, como o ensino, a avaliação e a adaptação. Porém, não pretendemos separar o currículo enquanto

escrito e praticado, documentado e implementado, por assim dizer; consideramos que tudo que envolva a formação do sujeito faz parte do currículo.

Sobre o currículo no nível superior, Lavarda (2014) afirma que “a instituição ou curso que busca, através dos conteúdos organizados em seu currículo, formar um profissional previamente delineado, geralmente tem como método formativo aulas expositivas” (LAVARDA, 2014, p. 41-42). Ela, então, acredita na proposta de formar profissionais menos focados somente na parte técnica, preocupando-se com uma organização curricular que perpassa também o aprofundamento das ciências e da arte. No entanto, entendemos que as aulas expositivas também podem ser utilizadas para uma formação que evidencie todas essas partes.

Cada espaço terá seus docentes e discentes que produzirão diferentes expressões do currículo. Em um movimento institucional, os docentes se farão presentes em outros espaços acadêmicos, como na coordenação dos colegiados, na direção de departamentos, nos grupos de pesquisa, não somente em sala de aula. Ao se direcionar para as ações que a universidade precisa adotar para consolidar a acessibilidade, Mesquita (2019) diz que:

Nesse contexto, para que haja acessibilidade no ensino superior, a universidade necessita cumprir sua função social, devendo discutir as contradições e propor alternativas de respeito à diversidade cultural para formar professores comprometidos com uma educação que inclua todos no processo de aprendizagem de forma qualitativa. Ademais, a universidade precisa mudar sua cultura universitária pautada na racionalidade instrumental e competitiva em busca de uma formação humana à luz da diversidade e da educação (MESQUITA, 2019, p. 134).

4378

A própria ideia de acessibilidade, como bem situam Leite e Ciantelli (2016), correlacionada com os ambientes educacionais, infere possibilidades de ações inclusivas para o campo do currículo, do fazer docente, das práticas pedagógicas avaliativas, entre outras. Lavarda (2014) cita os Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais, para definir adaptação curricular como uma maneira adotada na atuação do professor para adequar a ação docente e os procedimentos metodológicos para atender as especificidades de todos os alunos. Adaptação curricular é um termo adotado por muitos estudiosos, mas pensemos em acessibilidade curricular no sentido de considerar que um mesmo currículo deve ser acessível a todos.

Conforme pontua Piezcowski (2016), a realidade de interdependência entre o sujeito com deficiência e o seu contexto ampliado é o cenário em que a acessibilidade, para essas pessoas, ganha espaço, já que pode ser condição para que o outro aprenda. Vale destacar que, na perspectiva epistemológica em que nos situamos, não é possível controlar o que o outro irá aprender, não conseguimos nem mesmo garantir que o outro aprenda.

Nesse cenário, é possível perceber que aquelas pesquisas que concebem uma relação com o currículo fazem-no a partir de uma dimensão mais voltada para a formação ou, então, para a acessibilidade curricular. Destaque para aquelas que propõem um diálogo direto com os docentes, que já conseguem perceber avanços em relação a uma prática mais inclusiva, mesmo quando afirmam que ainda há práticas excludentes. Todavia, tenderemos a seguir por um outro movimento de pensamento, diferente daquele que caracteriza os trabalhos aqui apontados.

Na construção de um labirinto: a experiência e o fazer docente

Ao se pronunciar o termo currículo, as pessoas podem se remeter a diferentes sentidos. Os movimentos de pensamento também influenciam na construção do que possa significar o currículo. Silva T. (2009), por exemplo, divide as teorias curriculares em tradicionais, críticas e pós-críticas. O currículo ainda pode ser considerado um “[...] território povoado por buscas de ordenamentos [...], de organização [...], de sequenciações [...], de enquadramentos [...], de divisões” (PARAÍSO, 2010, p. 588). Muito está em jogo nesse território de lutas pelo conhecimento, pelos modos de vida, pelo controle.

As discussões de Paraíso (2019) podem contribuir para iniciar a discussão sobre o que procuramos entender por currículo neste trabalho. A autora destaca que “pensamento”, “aprender”, “encontros”, “composições” despertam e desassossegam o currículo e o conhecimento. O desassossego do currículo é um sentido que pretendemos fortalecer. Para isso, com uma atitude teórico-metodológica atraída por um modo de pesquisa pautado pela criação, e ao partir do posicionamento de Paraíso (2019), citado anteriormente, permitimo-nos realizar uma analogia entre o currículo e o labirinto, interpretado aqui não como uma construção que tem diversos caminhos e na qual uma pessoa, ao estar nele, precisaria encontrar sua saída, mas como campo possível de experimentações.

Ao utilizar a metáfora do labirinto, Machado (2008) sugere essa outra perspectiva. O autor considera a exploração de caminhos possíveis, em que o processo seria mais importante do que encontrar a saída.

Ao contrário do que imaginavam os gregos, o labirinto cretense não era uma prisão ou uma máquina de guerra, mas exatamente uma arquitetura representativa da complexidade máxima que a imaginação do homem da Antiguidade podia conceber e servia também de espaço para festas e jogos. A saída não era propriamente um problema para o visitante [...]. O problema, na verdade, era como avançar sem se perder: o labirinto funcionava, portanto, como um desafio para medir a astúcia do visitante (MACHADO, 2008, p. 140).

Ele ainda acrescenta que, para uma resolução desse labirinto, era importante conhecê-lo todo, percorrendo os seus caminhos. De um modo parecido, poderia se pensar o currículo, caminhos possíveis a serem explorados. Desafios com a dinâmica em sala de aula.

Ainda assim, um labirinto remete, de imediato, à imagem de um percurso já existente, já pronto. Como, então, recorrer a tal imagem para pensar o que pode ser imprevisível no currículo e no ato de ensinar? Usaremos a metáfora do labirinto não enquanto consolidação de caminhos já traçados, à espera de serem adentrados e explorados, mas como processos de construção, como percursos a serem compostos no mesmo passo em que são percorridos. Nisso, os encontros e as experiências produzirão esse labirinto curricular. Mas o que seriam essas experiências e encontros? Como poderiam fazer parte da construção do currículo?

Esses encontros, que se efetuam num espaço “entre-nós” (SKLIAR, 2017), são forças que nos levam para algum lugar, movimentos de vida e de pensamento. No labirinto curricular, onde essas forças nos movem, destacamos os encontros entre a docência e os discentes com deficiência. Assim, o encontro entre a docência e o corpo com deficiência no processo de ensino e aprendizagem se constitui como dimensão do currículo.

É recorrente nas pesquisas em educação as palavras serem pronunciadas como autoridade, conjuga-se o que deve ser feito. É como Larrosa (2020), lançando-se em uma conversação com o leitor, afirma sobre o uso da língua nesse campo pedagógico em que se projeta como as coisas devem ser:

[...] se falamos alguma variante dessa linguagem que elabora constantemente projetos para a ação traçando pontes entre fatos (verdadeiros) sobre o que é e (boas) intenções sobre o que deveria ser teremos um lugar seguro e assegurado no campo (LARROSA, 2020, p. 63).

Na continuidade de sua escrita, ele considera que

[...] a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição [...], não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição, esse tempo em que nada nos acontece, e sim com o acontecimento do que não se pode “pre-ver”, nem “pre-escrever” (LARROSA, 2020, p. 68-69).

Então, pode-se dizer sobre a fluidez de um acontecer a partir do qual seja possível elaborar os sentidos, as significações daquilo que “nos passa”, Heidegger já afirmava que fazer uma experiência tem a ver com o que nós fazemos com algo que nos alcança. Larrosa (2020) acrescenta ainda que na experiência pode existir um pensamento de “não sei o que fazer”, e, dessa forma, afirmar o que deve ser feito não terá a finalidade que se busca alcançar. Vale reforçar que a experiência não é o que somente nos passa, mas é um acontecimento que transforma o sujeito da experiência; e mais, não se trata de um conceito, não adianta querer

dizer o que é experiência, segue-se uma lógica do acontecimento (LARROSA, 2020). Dessarte, pensar o currículo como experiência é apostar naquilo que Macedo (2016) defende, o imprevisível em sala de aula; é não deixar de lado toda a diferença que justamente não nos faculta prever a dinamicidade humana.

Paraíso (2009), ao propor um outro possível modo de compreender o currículo, visto não somente como dispositivo disciplinador e classificador, defende que a experiência acontece para “recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças” (PARAÍSO, 2009, p. 290), isto é, o sujeito sai dela transformado. Larrosa (2020) ratifica que somente o sujeito da experiência está aberto para a sua própria transformação. E entendemos que a docência pode ser atravessada pelas experiências.

O ensino, enquanto fazer docente, é uma dimensão do currículo. Ao problematizar esse fazer, assumimos, como sugere Gallo (2012), que o ensino se separa da aprendizagem e, com isso, operamos ao avesso do que preponderantemente tem sido discursivizado no campo pedagógico. Muitos textos ligam as palavras ensino e aprendizagem por meio de um hífen: “ensinar-aprender”; “ensino-aprendizagem”. A consolidação desse tipo de enunciado, que condiciona o ensinar ao aprender, que afirma que só se aprende aquilo que se ensina, ou que só haveria ensino se dele decorresse uma certa aprendizagem, implica a confiança na existência de algum tipo de controle, de alguma possibilidade de previsão sobre o que a outra pessoa aprende.

Gallo (2012) cita Deleuze para argumentar que não aprendemos como, mas com alguém, a aprendizagem pode ser vista como uma construção do novo – “[...] o aprender acontece, singularmente, com cada um” (GALLO, 2012, p. 5). Nesse entendimento, aprender é diferente de ensinar, o que consolida diferentes processos de ensino e aprendizagem, sendo que o aprender não necessariamente acontece junto com o ensinar, “trata-se de dotar a aprendizagem da potência de invenção e de novidade” (KASTRUP, 2005, p. 1277), assim como as experiências. Então, seria a experiência um processo de aprendizagem?

Por sua vez, Kastrup (2005) escreve sobre a lógica circular do aprender, que indica o inacabamento desse processo, em que o aprendido “[...] é contínuo e permanente, não se fechando numa solução e não se totalizando em sua atualização, precisando por isso ser sempre reativado” (KASTRUP, 2005, p. 1280), o que não quer dizer que se apagam os antigos pensamentos para alcançar os novos. O que já existia e o que passa a fazer parte do pensamento são ligados por uma linha de “repetição, diferenciação e invenção” (KASTRUP, 2005, p. 1279). Nessa linha, há uma ligação direta com a experimentação do novo no momento em que os

encontros acontecem, “[...] momentos em que as subjetividades do professor e do aluno se encontram” (KASTRUP, 2005, p. 1287). No currículo, ocorrem esses encontros, daí as experiências acontecem e o currículo também se produz, reterritorializando-se.

Quando falamos sobre o encontro entre a docência e o corpo na condição da deficiência, compreendemos que diversas maneiras são vividas e discursos são produzidos. Larrosa (2020) acredita na força das palavras, ao usá-las podemos dar sentido ao que somos e às nossas experiências. Como, então, refletir sobre a docência nesse contexto das experiências curriculares, da educação superior, no encontro com os estudantes com deficiência? Se a experiência é um acontecimento que deixa marcas, os encontros podem ser potenciais para esse acontecer. Spinoza já dizia sobre os bons encontros e os maus encontros, aqueles que aumentam essa potência ou outros que a diminuem. A educação pode ser promotora desses encontros (GALLO, 2008), forças que impulsionam o fazer da docência. Encontros com a pesquisa, a escuta do outro, as leituras, o movimento institucional, com o conhecimento.

Como efeitos desses encontros e do acontecer da experiência, traduções curriculares podem ser produzidas pelos professores. Corazza (2016) concebe as vidas dos professores como “artistadoras”, é durante as suas andanças que eles vão criando e se criam. O professor-artista, professor-tradutor, ao educar traduzindo, utiliza-se do modo operante interpretativo. A autora se refere a um espaço educacional que é relacional, constituído por elementos - como as tradições, os costumes de diferentes gerações - deixados para a docência que, ao traduzi-los, pode atribuir-lhes outros sentidos, desconstruí-los e transformá-los em outras imagens (CORAZZA, 2016).

Diante disso, “o professor, a didática e o currículo da tradução consistem em uma determinação do pensamento, que incide sobre fenômenos singulares, como comportamentos e modos de agir, sentir, pesquisar” (CORAZZA, 2016, p. 1321). Assim, os professores operam com as matérias, tem-se a matéria-fonte, aquela que é criada por outros, em tempos e momentos diferentes, a partir da qual a matéria-traduzida será produzida em paralelo ao que já foi criado. Então, Corazza (2016) considera se tratar de “operações transcriadoras” quando se produz algo novo e diferente nas aulas e nos currículos, levando em consideração o que foi construído anteriormente. Relaciona-se, então, a tradução a uma “aventura de risco”, “possibilidade de criação de variações em relação ao original” (CORAZZA, 2016, p. 1322). Toda essa produção tradutória-criativa só é possível quando há um movimento de viver no espaço de encontro “entre-nós” (SKLIAR, 2017).

Quando se tenta buscar identificar o outro, quais suas dificuldades, seguir prescrições, deixando de lado toda a imprevisibilidade, por vezes se pode impedir de experienciar o que acontece no encontro, o que acontece efetivamente nesse entre-nós, um espaço em que é possível a relação educativa. “Nesse ‘nós’ da educação, há assimetrias, posições diferentes e diferenciadoras, distintos lugares de estar no mundo” (SKLIAR, 2017, p. 25). Pensar no que acontece entre-nós implica pensar no que nós mesmos fazemos. Nisso, a imprevisibilidade não deve ser considerada um problema, e sim um acontecimento inerente ao processo de ensino e aprendizagem. O que dizer, então, dos estudantes com deficiência?

A proposta aqui é aproximar a noção de diferença daquilo que pode ser produzido no encontro entre os professores e os alunos com deficiência, sem intenções de se chegar a um futuro transcendental. É a diferença que não se nega, mas “[...] recoloca, a todo momento, o risco do caos, o perigo da queda, impedindo que o sujeito moderno se apazigue no refúgio eterno de uma prometida maioria” (VEIGA-NETO, 2007, p. 107). A deficiência não no sentido da falta da visão, dos movimentos, da audição, mas dos possíveis dentro de um currículo que consiga perceber os estudantes nessa condição, perpassando por vetores produtores da subjetividade dessas pessoas, tais como os “educacionais, culturais, afetivos, materiais, tecnológicos e estéticos” (KASTRUP, 2018, p. 37). Consideramos a deficiência como potência para produção da diferença.

4383

Então, a docência, diante da presença das pessoas com deficiência e seus desafios, compõe encontros que mobilizam saberes anteriores. Aí é possível pensar essa docência como possibilidade de um fazer criador. As experiências curriculares reclamam que o professor esteja desarmado no encontro que aqui está sendo chamado de “entre-nós” (SKLIAR, 2017).

O próprio desentendimento, como parte do ensino e do currículo, coloca em xeque a certeza, a necessidade de haver comprovação de tudo, enfim, as verdades absolutas. Essa imprevisibilidade seria, então, um “[...] golpe mortal contra tudo aquilo que, desde a Modernidade, mais nos empenhamos em oferecer ao mundo” (AQUINO, 2015, p. 360). É como afirma Gallo (2008), já citado anteriormente, sobre a educação como encontro de singularidades, encontro no qual ambos, professor e discente, são aprendizes. E como também pontua Skliar (2017):

[...] se toda relação é uma relação entre diferenças e se não existe outra coisa que diferenças entre diferenças, o que vale a pena pensar agora é como se constrói e se constitui a possibilidade de uma conversação entre as diferenças. Pensamos na ideia de conversação não como diálogo equilibrado ou estável, nem muito menos como um rápido e hipócrita consenso, senão como aquele intercâmbio que é uma tensão e que mantém os conflitos, as assimetrias, as impossibilidades (SKLIAR, 2017, p. 33).

Todavia, no que se refere ao processo de inclusão dos estudantes com deficiência, é comum se acreditar que o ideal é ditar o que deve ser feito e que os problemas serão resolvidos na medida em que se siga o recomendado. Daí a necessidade de reafirmar o encontro entre as diferenças, as singularidades. Talvez assim, o professor poderá assumir o que Silva T. (2011) sugere como “[...] tarefa política de participante coletiva no processo social: vulnerável, limitada, correta às vezes, outras erradas, como todo mundo” (SILVA, T., 2011, p. 60).

Considerações

Nas pesquisas que envolvem o currículo, percebemos que diferentes percursos são possíveis para se aproximar desse campo de estudo. Podemos perceber o currículo perpassando os documentos educacionais, a organização pedagógica das instituições, no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com deficiência na educação superior, entre outras situações educativas.

Diante de todo esse cenário, propomos perceber o currículo a partir da ideia de construir caminhos possíveis de experimentações, tendo como eixo o fazer docente a partir do encontro entre a docência e o corpo com deficiência. Quando nos referimos à inclusão de pessoas com deficiência, pode haver uma necessidade de se deparar com respostas prontas, uma fórmula para se pensar na inclusão dessas pessoas.

Todavia, isso não é possível, tendo em vista que cada sujeito é único, na sala de aula encontramos diferentes desafios, afinal, temos um espaço vivo e dinâmico. Daí a percepção de aproximar a noção do currículo da ideia do labirinto, da docência que constitui os caminhos possíveis de experimentações, em que o processo é desafiador e não tem como objetivo achar a saída para fechar as possibilidades, mas de refletir no que é possível diante do que está sendo construído. Um movimento de perceber potência nesses desafios, que também movem à docência. São as experiências curriculantes que acontecem através dos encontros.

Referências

- AMORIM, Adiel Santos de. **A formação de matemática para a escola inclusiva: os projetos político curriculares das IES públicas do município de Belém-PA em análise.** 2012. 368 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pará, 2012.
- AQUINO, Julio Groppa. A crítica educacional como recusa à metafísica pedagógica. **R. Educ. Públ.**, v. 24, n. 56, p. 351-364, maio/ago. 2015.

BASTOS, Amanda Macitelli. **A formação do pedagogo e a educação inclusiva: a experiência de uma universidade pública federal.** 2012. 211 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde). Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2012.

BORELLA, Douglas Roberto. **Atividade Física Adaptada no contexto das matrizes curriculares dos cursos de Educação Física.** 2010. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

CAMPOS, Débora Ribeiro da Silva. **Representações de alunos com deficiência sobre os currículos de seus cursos de graduação na Universidade Federal do Pará.** 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2013. Programa de Pós-graduação em Educação.

CARNIEL, Fagner. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e didática da tradução: vontade, criação e crítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016.

DALGALO, Vanderlize Simone. **A prática docente nos cursos de graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no contexto da Educação Especial: período de 2012 a 2016.** 2018. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação. Paraná, 2018.

4385

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos.** Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: **Anais do Congresso de Educação Básica e Currículo.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GONÇALVES, Arlete Marinho. **Representações acerca dos projetos de vida de surdos universitários.** Anped, 2017. Disponível em:
http://38reunia.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT15_1074.pdf.

KASTRUP, Virginia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc. Campinas**, vol 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.

KASTRUP, Virgínia. **Cegueira e invenção: cognição, arte, pesquisa e acessibilidade.** Curitiba: Editora CRV, 2018.

LAVARDA, Eliane Sperandei. **O currículo e a educação no ensino superior: ações de permanência nos cursos de graduação da UFSM.** 2014. 122 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande do Sul, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEITE, Lúcia Pereira; BORELLI, Laura Moreira; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. Currículo e deficiência: análise de publicações brasileiras no cenário da educação inclusiva. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 01, p. 63-92, mar. 2013.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: a falsa oposição entre conhecimento para fazer algo e conhecimento em si. **Educação em Revista**, Belo Horizonte v. 32, n. 2, p. 45-68, jun. 2016.

MARTINS, Lisie Marlene da Silveira Melo. **Inclusão do estudante com deficiência no Ensino Superior e a formação continuada do docente universitário**. 2019. 276f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MELO, Isaac Samir Cortez de. **Um estudante cego no curso de licenciatura em música da UFRN: questões de acessibilidade curricular e física**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MESQUITA, Bárbara Andressa Mendonça de Rocha. **A pessoa com deficiência no ensino superior: a concepção de docentes do curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade no município de Goiânia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

MESSERSCHMIDT, Danieli Wayss. **Autonomia nos processos de aprendizagem de estudantes com deficiência na Educação Superior**. 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, Rio Grande do Sul, 2018.

4386

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferenças no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.4, p. 1414-1435, 2019.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: efeitos na docência universitária**. 2014. 208 f. Tese (doutorado). Universidade de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande do Sul, 2014.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Avaliação da aprendizagem de estudantes com deficiência na educação superior. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 583-601, set./dez. 2016.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Mediação pedagógica na relação com estudantes com deficiência na educação superior**. Anped, 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT15_113.pdf.

REZENDE, Evelin Oliveira de. **Formação de professores e a interveniência das diretrizes curriculares nacionais da pedagogia para educação especial.** 2013. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

RIBEIRO, Eveline Borges Vilela. **Formação de professores de ciência e educação inclusiva em uma instituição de ensino superior em Jataí-Go.** 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SANTOS, Soraya Dayanna Guimarães. **Docência no processo de inclusão do estudante com deficiência em cursos de Educação Física: análise do contexto universitário brasileiro e português.** 2016. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2016.

SELAU, Bento; DAMIANI, Magda Floriana Damiani. **Fatores associados à conclusão da educação superior por cegos: um estudo a partir de I. S. Vygotski.** Anped, 2013. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt15_3054_texto.pdf.

SOUZA, Karina Silva Molon de. **A aprendizagem docente e a inclusão de cotistas b em novos contextos na universidade.** 2016. 258 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande do Sul, 2016.

SILVA, Cleudimara Sanches Sartori. **Políticas de acesso e permanência na educação superior: uma análise do programa Incluir em Mato Grosso do Sul.** Anped, 2011. Disponível em: <http://www.anped11.uerj.br/GT11-686%20int.pdf>.

4387

SILVA, Mariane Carloto da. **Processos de (re) conhecimento do estudante público-alvo da educação especial na UFSM: adaptações curriculares (des) necessárias.** 2016. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande do Sul, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 249-260.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Das teorias tradicionais às teorias críticas. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 21-81.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

Autor 1:



Amanda Nery da Silva

Coordenadora Pedagógica na Prefeitura Municipal de Guanambi. Possui mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e graduação em Pedagogia pela UESB.

Email: neryamanda.73@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8820858577065906>

Autor 2:



Glaurea Nádia Borges de Oliveira

Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), vinculada ao Departamento de Educação Física e Humanidades. Possui doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e licenciatura em Educação Física pela Universidade de Taubaté (UNITAU).

Email: glaurea@unicamp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6345234741859111>

4388